

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	11
1. JORNALISMO E LITERATURA	17
A crítica nascente e seus cacoetes	21
A crítica de rodapé e seus detratores	23
A crítica de hoje e suas querelas	28
Entre a intuição e a teoria: “a crítica viva”	33
O esvaziamento das polêmicas	36
2. A RESENHA: DEFINIÇÕES, TROPEÇOS E ARMADILHAS..	41
Separando o joio do trigo	43
Ler é reler	46

Palavra puxa palavra.....	53
Em tudo, medida e equilíbrio	55
No caminho das pedras, os tropeços.....	57
O ponto-a-ponto das resenhas: um resumo.....	59
3. BREVE RETRATO DOS CADERNOS LITERÁRIOS	63
Clareza e profundidade:	
o <i>Idéias & Livros do Jornal do Brasil</i>	66
O <i>Mais!</i> Mais tarde eu leio?	70
Muita prosa e pouco verso.....	72
<i>À guisa de uma conclusão</i>	75
<i>Bibliografia</i>	79

Prefácio

A teoria e a prática: uma ponte

A incompatibilidade entre teoria e prática talvez seja um dos lugares-comuns mais persistentes em nossa cultura. É como se a preocupação com o conceito implicasse a ruína da vocação, como se o gosto pela reflexão necessariamente denunciasse um ostensivo desprezo às regras de determinado ofício.

Ora, essa pretensa incompatibilidade não resiste ao menor exame. Por exemplo, à leitura deste novo livro da jornalista, ensaísta e professora universitária Cláudia Nina.

Vale frisar a múltipla inserção da autora e de seus ofícios. A importante reflexão aqui desenvolvida teve co-

mo origem a criação de uma produtiva ponte entre a sala de aula e o público leitor, entre a cátedra universitária e a redação de jornal.

Após ministrar um curso de jornalismo na PUC-Rio, Cláudia Nina obteve uma bolsa de pós-doutoramento da Capes, para desenvolver uma pesquisa acadêmica sobre a crítica literária contemporânea, com especial ênfase na crítica publicada em jornal. O resultado de sua investigação pode ser apreciado neste livro.

Ademais, a vivência adquirida como editora do *Idéias & Livros*, do *Jornal do Brasil*, permitiu à autora reunir com rara felicidade teoria e prática, reflexão e ofício. Além de editar o suplemento, Cláudia Nina assinou uma coluna, “Rodapé”, na qual oferecia uma experiência rara: discutir com os leitores as entranhas de sua produção. Tal instância autocrítica é uma marca do trabalho da autora.

Em outras palavras, o leitor deste livro encontrará muito mais do que um “manual” de escrita de resenhas e, ao mesmo tempo, descobrirá autênticos segredos de bastidores. Mas como é possível reunir reflexão aguda, análise histórica pertinente e indispensáveis sugestões de ordem prática? Simples: Cláudia Nina sempre soube que teoria e prática devem caminhar juntas; afinal, não é verdade que os opostos se atraem?

Portanto, *Literatura nos jornais – A crítica literária dos rodapés às resenhas* é um livro único. Esperemos que as resenhas que serão publicadas saibam reconhecer seu valor.

João Cezar de Castro Rocha
Professor de Literatura Comparada na
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj)

Introdução

Vale a pena deter-se um minuto na lógica do “suplemento”. Complemento é parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. [...] A literatura [...] passou a ser esse algo a mais que fortalece semanalmente os jornais através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado dos dias da semana a preencher o lazer do *weekend* de maneira inteligente.

Silviano Santiago (1993, p. 14)

Este livro surgiu em sala de aula, na Faculdade de Comunicação da PUC-RJ, na disciplina “Como escrever, produzir e editar um suplemento literário”. A proposta

era levar aos estudantes técnicas para escrever textos voltados a um público segmentado, despertando neles o gosto pela crítica e o exercício de uma leitura armada e investigativa. Ao final do semestre, propus publicar um suplemento que seria escrito, produzido e editado pelos alunos, o que efetivamente ocorreu: em dezembro, encartado no *Jornal da PUC*, saía o *Traça Leituras da PUC*. O caderno acabou virando um *site* – o *Traça On-line* (www.tracaonline.com.br). A iniciativa de dar vida longa ao trabalho, por meio da versão *on-line*, partiu das próprias turmas.

Primeiro dia de aula, sala lotada: os alunos diziam estar ali para “aprender a escrever”. Curioso, pois a maioria iria se formar em seis meses. Como tinham passado uma faculdade inteira sem terem aprendido a escrever? A queixa dos alunos não se referia às matérias jornalísticas, que haviam aprendido a fazer como uma receita de bolo. Responder com objetividade às questões “o que/quem/quando/onde/por quê” eles sabiam. A maioria, imagino, já dominava a técnica de produzir textos enxutos para jornais diários. Faltava-lhes apenas o exercício da prática, o que somente o mercado poderia proporcionar. O “arroz com feijão”, portanto, eles sabiam. Queriam ir além.

As resenhas seriam as provas finais do curso. Os alunos deveriam escolher uma obra literária de que mais gos-

tassem, fazer uma leitura cuidadosa e depois produzir um texto crítico. Ao saber disso, desesperaram-se. Não encontravam uma bibliografia básica que pudesse ensiná-los o caminho das pedras. De fato, a queixa dos estudantes de comunicação é uma angústia compartilhada por alunos de diversos cursos. Resenha é um bicho-de-sete-cabeças que poucos aprendem a enfrentar. Isso vale não apenas para alunos; muitos professores também não têm esse conhecimento e ficam sem condições de ensinar.

Fazer uma resenha é uma tarefa que inclui desde a interpretação da obra em questão até a capacidade de resumir idéias e concatená-las, organizando as palavras de forma atraente. Trata-se de um exercício que enriquece a bagagem intelectual de qualquer profissional, seja de que área for. Escrever um texto e começar a praticar, mesmo que esse não seja para publicação, vale a pena.

O jornalismo cultural exerce grande fascínio nos estudantes de comunicação, principalmente naqueles que se entediam com os fatos. Trabalhar no que se chama de “primeiro caderno”, ou seja, nas editorias que são o carro-chefe de um jornal, como Cidade, Política e Economia, exige do jornalista um alto grau de concentração

na realidade, a fim de que possa apurar com isenção os fatos e transformá-los em matéria jornalística. O texto deve ser, antes de tudo, conciso, claro e objetivo. Não há espaço para divagações nem digressões.

Tal armadura é por demais incômoda para quem gosta de escrever sobre cultura. Há inúmeros recém-formados que deságuam no mercado profundamente aborrecidos por terem de passar pelo árduo estágio – parada obrigatória – nas editorias dos fatos. Só depois de algum tempo é que podem sonhar em escolher uma vaga nas editorias menos presas ao cotidiano, como os suplementos culturais.

Mas é preciso ter cuidado. Não é porque se está no terreno dos “segundos cadernos” que se pode escrever sobre tudo, afrouxar por completo a armadura do texto e virar escritor dentro de um jornal. Como veremos a seguir, toda resenha crítica, uma vez produzida para ser publicada em jornal, precisa obedecer a alguns critérios, digamos, jornalísticos. Clareza, concisão e objetividade continuam sendo imprescindíveis.

Isso vale para qualquer texto publicado em qualquer editoria, seja ele escrito por um jornalista, um sociólogo, ou um professor de Teoria Literária. Afinal, quando não se está respirando no ambiente do livro, em que imperam outras regras, o excesso de digressões, o vocabulário rebuscado, o beletismo e a redundância são erros fatais.

Há quem ache que, para exhibir cultura e conhecimento, precisa inundar o texto de complicados arranjos verbais e de jargões acadêmicos, o que definitivamente não combina com nenhuma editoria. Não se deve esquecer de que os suplementos culturais e literários, embora dirigidos para um segmento, são também lidos por um público mais amplo e diversificado: o dos leitores de livros.

Nas páginas que seguiremos buscaremos entender esse processo – em teoria e prática. Na primeira parte, serão discutidas as relações históricas entre jornalismo e literatura – duas áreas do saber que sempre estiveram interligadas –, incluindo uma breve análise sobre os antigos rodapés (os ancestrais da resenha) e a divisão da crítica na atualidade, que se reparte basicamente em críticos-jornalistas e críticos-acadêmicos, não excluindo os críticos-escritores.

Na parte prática, estão alguns dos passos fundamentais para a produção de um texto crítico, que começa sempre com a leitura bem-feita da obra a ser trabalhada, entendendo-se que criticar um livro nunca é falar *apenas* de um livro, pois toda obra está em conexão com outras tantas. Aprender a dispor as idéias no papel com precisão e clareza é necessidade de todos num mundo em que os *e-mails* fizeram da expressão escrita uma espécie de cartão de visitas, espelhando indisfarçáveis fragilidades

verbais. As resenhas podem auxiliar, e muito, neste processo. Que este livro não seja um manual, enfadonho por natureza, mas um curso, um seminário ou uma conversa, que são coisas muito mais sedutoras.